

BONECAS ABAYOMIS E NARRATIVAS INSURGENTES CONTRA O RACISMO E O EPISTEMICÍDIO

ABAYOMIS DOLLS AND INSURGENT NARRATIVES AGAINST RACISM AND EPISTEMICIDE

Nutyelly Cena de Oliveira 1

Resumo: Este texto propõe uma reflexão inicial sobre os modos de representação das mulheres negras nos museus através do uso de imagens, a partir da consideração de um processo histórico marcado por traumas coloniais que permeiam os corpos da população negra. O estudo que sustenta este manuscrito decorre do desenvolvimento de oficinas educativas e afetivas, de Abayomis, feitas com sobras de retalhos. Essas oficinas de bonecas negras, as Abayomis, são lidas como uma ferramenta educativa e também afetiva, favorecendo reflexões sobre os sistemas representacionais e as práticas afetivas compartilhadas que constroem caminhos possíveis para narrativas insurgentes sobre as mulheres negras. O pensamento feminista negro sustenta os argumentos aqui apresentados, desta forma, são traçadas algumas reflexões acerca da condição social das mulheres negras e também sobre como as oficinas de Abayomis atuam significativamente na produção de estratégias de resistência frente ao racismo, ao machismo e ao epistemicídio que atravessam as existências de mulheres negras.

Palavras-chave: Bonecas Abayomis. Feminismos Negros. Epistemologias.

Abstract: This text proposes an first reflection on the representation of black women in museums through the use of images. It is considered a historical, traumatic and colonial process that marks the bodies of the black population. The study that supports this text is the result of the development of educational and affective workshops. They are Abayomis workshops, dolls made with leftover scraps. These workshops are understood as an educational and affective tool. Reflections on representation systems and affective practices take place. Shared practices that build possible avenues for insurgent narratives about black women. Black feminist thinking supports the arguments presented here. Thus, some reflections are made on the social condition of black women and also on how Abayomis workshops act significantly in the production of resistance strategies. Through the workshops there is a confrontation with racism, machismo and epistemicide present in the existence of black women.

Keywords: Abayomis Dolls. Black Feminisms. Epistemologies.

Introdução

Esse texto compõe uma parte da minha dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Goiás - PPGAS - UFG e parte de um relato preliminar da minha experiência com as bonecas Abayomis, feitas com sobras de retalhos. O intuito é relatar como tenho desenvolvido as oficinas e como elas têm apresentado uma dimensão de afeto e sua porção de cura para traumas históricos decorrentes da subalternização dos corpos negros, sobretudo das mulheres negras. Esses traumas são parte da minha própria trajetória enquanto mulher negra. Apresentarei algumas inquietações e algumas experiências com coletivos que contribuíram para o meu entendimento e definições da minha escrita, além das possibilidades de rompimento com um silêncio imposto historicamente às pessoas negras.

Para a elaboração deste texto, considerei o aconselhamento de Gloria Anzaldúa que diz: “não deixem mordanças abafar suas vozes, ponham suas tripas no papel” (ANZALDÚA, Gloria, 1981). Recuperar aspectos de minha trajetória com as oficinas de bonecas Abayomis busco produzir academicamente novos sentidos nos estudos antropológicos que venho desenvolvendo. Desta forma, minha trajetória auxilia no registro escrito para um campo do conhecimento específico.

No ano de 2016 coordenei um projeto de extensão intitulado Rede de Educadores em Museus de Goiás, a REM-Goiás, vinculado à Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Desenvolvi atividades voltadas para o incentivo à discussões sobre as questões de gênero e raça nas instituições museológicas e a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 no combate ao racismo através das ações educativas. Uma das minhas motivações é ainda estudar as ausências de debates sobre a representação das pessoas negras nas instituições culturais e a inexistência de uma narrativa e imagem positiva racializada e que não esteja atrelada à escravidão.

A partir de minhas experiências em museus, quando por vezes fui silenciada ao promover ações educativas e de debates em torno das questões raciais e de gênero, compreendi que as instituições museológicas quando falam de representação dialogam com alguns conceitos, como identidade, memória e patrimônio. Essa memória é um enquadramento, uma reconstrução de um passado, e a identidade se constrói no contato com o outro. Já o patrimônio é uma operação de seleção, com jogos de interesses e representação de algo que está dentro dos padrões que excluem o corpo negro, pois este é inferiorizado e subalternizado no Brasil, sendo uma consequência de um passado escravista.

A luta pela sobrevivência se dava através da construção de lutas promovidas pela população negra no pós-escravidão. Aquelas reivindicações negras não foram consideradas pelas políticas de memória brasileiras em favor da construção de uma memória política de um país. Todo pelo contrário, o que prevaleceu foi uma política de invisibilização na sociedade brasileira. Os museus consolidaram-se como espaços de poder e representação que possuem um papel na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Neste sentido, é necessário visitar os museus, exposições e suas coleções com novas intenções expográficas e buscar ações que promovam visibilidades quando se trata da população negra. Dessa forma, são fundamentais ações, estratégias e exposições que evidenciem os corpos negros como integrantes da sociedade nacional, e não como invisíveis ou inferiorizados ou colocados à margem de uma sociedade hegemônica que é branca, patriarcal e excludente.

Há algumas narrativas sobre a origem das bonecas Abayomis. Uma delas, que remonta à diáspora do período colonial, conta que as mães africanas ensinavam seus filhos e filhas a criarem bonecas utilizando retalhos de suas saias. As Abayomis eram feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. A partir dessa narrativa, as pequenas Abayomis são vistas hoje como um símbolo do poder feminino, resistência e como amuletos de afeto e proteção.

Outra narrativa é de que as Abayomis nasceram livres no contexto dos anos 1980, junto à efervescência dos movimentos sociais do Rio de Janeiro, principalmente entre o movimento do I Encontro Nacional de Mulheres negras. A artesã urbana Lena Martins, conta em um documentário que criou a boneca no momento em que se descobria negra, nos movimentos sociais enquanto algumas pessoas escolhiam falar sobre assuntos relacionados à questão racial em microfones, ela escolheu as oficinas de bonecas para falar sobre identidades e pertencimento.

Segundo Lena Martins, o nome Abayomi, surgiu a partir da escolha do nome de uma amiga que estava grávida, se o bebê viesse menina teria o nome de Abayomi, e se fosse menino, seria

Abebe Bikila. Abebe nasceu, e ela adota o nome Abayomi para a boneca negra de pano, sem costura ou cola, utilizando restos de retalhos de confecções.

Os materiais utilizados para sua confecção são tecidos retangulares pretos para criar os corpos negros, tecidos coloridos para as roupas e turbantes, e uma tirinha fina preta para fazer os braços da boneca. Os corpos são feitos com amarrações de nós. Em minhas oficinas de bonecas Abayomis considero essas duas narrativas de surgimento, mas como o ato de criar um corpo, é um ato de cura, de reconstrução afetiva desses corpos traumatizados, limito o processo de criação a partir da narrativa de Lena Martins, pois os mitos criados sem autores remetem aos perigos para uma história única.

Compreendo as Abayomis como um símbolo de resistência feminina negra, onde a sua criação se insere no campo de lutas produzidas pelo movimento de mulheres negras, no Rio de Janeiro. E não atrelada ao período traumático da retirada de mulheres e famílias do seu continente de origem. Assim, é possível pensar em como as Abayomis nos ajudam a pensar em uma Antropologia dos objetos, dos estudos da memória e da construção identitária de mulheres negras.

Neste artigo apresento as reflexões alcançadas a partir de minha atuação em oficinas de bonecas Abayomis especificamente em dois momentos que marcam minha trajetória: o primeiro deles durante o VIII Seminário REM-Goiás - *Dizer o indizível sobre mulheres negras nos museus*, acontecido em maio de 2017; e o segundo deles durante o III Seminário Coletivo Rosa Parks - *Primavera para as Rosas Negras* que aconteceu em novembro de 2018. Apresentarei também alguns desdobramentos interligados a essas duas experiências.

Dizer o indizível sobre mulheres negras nos museus

Durante o período da gestão (2016/2017) da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás), para comemorar o dia 25 de julho, dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, foi realizado o I Encontro da Gestão 2016-2017, que ocorreu no dia 28 de julho de 2016, no Museu Antropológico da UFG. O tema foi “Feminismos, Narrativas e Representatividade: Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha”. O Encontro¹ foi realizado em parceria com a equipe da exposição curricular, *Exposição Mulheres no Sertão Goiano* que foi inaugurada no Museu Antropológico da UFG, coordenada pelo museólogo Tony Boita e estudantes do curso de Museologia.

Figura 1 - I Encontro da Gestão 2016-2017



Fonte: Acervo pessoal. 2016.

As mulheres negras que estavam presentes naquele espaço da exposição durante o I Encontro da REM-Goiás discutindo feminismos, memórias e identidades negras e, além disso, estavam representadas nos seguintes módulos expositivos da exposição temporária:

a) *Módulo Violência*, por meio de notícias de jornais e dados que denunciam a situação das mulheres negras expostas à violência direta, reafirmando uma realidade diária, marcadas pela perversidade do racismo;

¹ Roda de conversa sobre mulheres negras e museus, 2016. Fonte:

<<https://www.ufg.br/n/90423-roda-de-conversa-debate-presenca-da-mulher-negra-nos-museus>>

b) *Módulo Ofício*, destacando uma heroína negra, Tereza de Benguela, “Rainha Tereza”, viveu na região do Vale do Guaporé, no Mato Grosso, liderou sozinha o Quilombo de Quariterê após a morte de seu companheiro;

c) *Módulo Educação* destacou a presença de duas mulheres negras - Girlene Chagas Bulhões, museóloga negra e Maria Leodegária de Jesus - mulher negra Jornalista, Escritora, Poetisa, Professora, Ativista, Produtora Cultural, Patronese na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás sendo a primeira mulher negra a publicar livro no estado de Goiás, e por fim no;

d) *Módulo Domésticas, Benzedeiras e Garimpeiras* com a trajetória de Osmira Souza Campos, também conhecida como Dona Sinhá ☐ Mestre de Cultura Popular - Mulher, Negra, Retirante, Garimpeira, Lavadeira, Benzedeira e Parteira, que viveu na região ribeirinha do Vale Araguaia, e foi uma das mantenedoras do segredo do Ofício das Almas, procissão conhecida como a Alimentação de Almas, há quase um século presente na Bahia e em Goiás, muito embora ainda pouco conhecida no Brasil (BOITA, 2014).

Partindo da continuidade e parceria com o Museu Antropológico da UFG, para finalizar as atividades na gestão da REM-Goiás foi realizado o VIII Seminário REM-Goiás, no dia 23 de maio de 2017. Esta ação teve como proposta continuar a problematizar a ausência das discussões em torno da temática de gênero, com recorte no feminismo negro, mulheres negras, memória e raça nos museus. A partir desse tensionamento, a REM-Goiás apresentou o tema: *Dizer o indizível sobre mulheres negras nos museus*. Esse tema compreendeu a necessidade de um comprometimento com os estudos de gênero e suas intersecções com o campo museológico, entendido também como espaço de contestação feminista e reprodução de estereótipos racistas e sexistas.

Figura 2 - *Dizer o indizível sobre mulheres negras nos museus*



Fonte: Acervo pessoal. 2017.

A partir dessas ações foi revelada a necessidade de reconhecer a carência de um trabalho conjunto, mais coletivo, e, além disso, o quão fundamental é o fortalecimento de redes, que podem acontecer por meio de parcerias com vários grupos sociais e coletivos.

A programação do seminário foi extensa, realizada durante todo o dia. Foram oferecidas duas oficinas, um minicurso e uma mesa redonda. A oficina *Estética Afro em questão: Resistência, tradição e poder* foi elaborada e executada pela artista e pesquisadora Priscila Pinheiro. Teve como proposta a discussão sobre o enfrentamento ao racismo em instituições de ensino, além da ausência de representatividade nos meios de comunicação e a discriminação no processo de formação.

Essa oficina foi direcionada para todos os públicos, mas especialmente para profissionais que trabalham com formação no ensino básico. As atividades foram divididas em dois momentos. O Primeiro foi aberto para troca de experiências, a maioria das falas estava direcionada às dificuldades de alguns professores e professoras negras participantes da oficina no enfrentamento do racismo no ambiente escolar. E o segundo momento, aconteceu uma atividade prática, cada participante criou uma boneca negra, ou seja, uma Abayomi, que em Yorubá quer dizer encontro precioso.

A oficina comunicava os saberes, memórias e conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira e africana. Em seu escopo geral, mas, sobretudo, o segundo momento da oficina me fez refletir muito

e pensar outras possibilidades de contar a história da população negra que não esteja atrelada ao período traumático que foi a escravidão. Importante informar que a narrativa apresentada pela oficinaira, foi a de que as bonecas surgiram no contexto da escravidão.

Diferente da narrativa apresentada por outra oficinaira, em uma oficina também de bonecas negras, intitulada *Memórias de Nossa Infância Negra* que fora ministrada por Takaiúna Correia da Silva, arte educadora, atriz, estudante da graduação em Artes Cênicas pela Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC, da UFG, e presidente da Associação Sócio-Cultural Cidade Livre.

Essa oficina teve como objetivo discutir a presença e a ausência de personagens negras em memórias de infância com a perspectiva de investigar aspectos da diversidade e da mediação, integrando as teorias e as práticas de dois campos do conhecimento, quais sejam: Educação e Artes da Cena. A oficina foi desenvolvida por meio de jogos, contação de histórias, músicas e outras atividades interativas. Caracterizada pela valorização da identidade cultural, da memória, dos aspectos da negritude, bem como dando relevância a personagens negros presentes na nossa memória, por meio de três dimensões: teatro; memória e identidade; e negritude. O objetivo era tornar presente o princípio da criação de uma nova relação com a história nacional por meio da arte, da investigação de memórias, histórias e vivências com crianças e adolescentes. A questão que circulou foi: *Qual é a cor desses personagens que permeiam nossas memórias de infância?*

Além das oficinas foram realizados também minicurso, mesas redondas e um encerramento com a participação de um grupo de rap. O minicurso Invisibilidade, representação e resgate da imagem da população negra: o trabalho e luta de Beatriz Nascimento foram ministradas por Luciana Sousa e Márcia Daniele de Souza Carvalho ambas as mulheres negras mestras em História pela UFG. Essa ação levantou discussões importantes sobre a trajetória e o discurso da pesquisadora negra Beatriz Nascimento no que se refere à busca por representação e representatividade para o processo de construção e afirmação da identidade de negros e negras e a importância do reconhecimento da história e cultura negra como patrimônio do país.

A mesa redonda intitulada A (In)Visibilidade de Narrativas: histórias orais de mulheres negras no campo museológico foi pensada inicialmente com a proposta de debates sobre a trajetória de mulheres negras no campo dos museus, foram convidadas: Andressa Lopes Cherem, Museóloga bacharel em Museologia pela UFG, Coordenadora do projeto Encrespa Geral Goiânia; e Alessandra Gama, doutoranda em Performances Culturais pela UFG, Co-Editora e Mentora de Projetos da Plataforma Web No Brasil; para mediar a mesa foi convidada Keith Valéria Tito, Gerente Especial de Museus e Galerias da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE) de Goiás. Porém devido há alguns imprevistos e contratempos, o diálogo ocorreu somente com Alessandra Gama, que compartilhou sua trajetória desde a graduação na qual pesquisou a ausência das mulheres negras capoeiristas. Falou também de sua participação nos Pontos de Memórias, e dos dias de hoje no doutorado, aonde vêm realizando pesquisas em torno da contribuição de Beatriz Nascimento para se pensar cinema documentário sob o olhar de uma mulher negra.

Sobre a sua trajetória interdisciplinar nos museus, Alessandra Gama compartilhou sua experiência enquanto uma das coordenadoras do Projeto AfroTrancendece. Este é um projeto que subverte a invisibilidade e cria lugares de fala e de protesto contra o domínio histórico do homem branco, que tem ocupado lugares de poder. Alessandra Gama alcançou também algumas reflexões com alguns questionamentos como: “se neste modelo capitalista não deu certo, onde iremos criar outros espaços? Outros modelos? Outras falas?”. A partir dessas interpelações compreendermos que, mesmo que historicamente sejamos invisibilizadas, é possível mudar os sujeitos. É possível a construção de um olhar para a importância das mulheres, dos discursos de suas lutas, das mulheres negras, das quilombolas e das indígenas, subvertendo esses lugares de subalternidades que foram impostos, exigindo mais reparo e solidariedade.

Para encerrar o seminário, tivemos a participação especial do grupo *Subversão Feminista* de Goiás, de Regiane Mendonça e Lara Khyshna. O grupo de rap *Subversão Feminista* acredita que a linguagem musical do *Rap Denúncia* tem o potencial de promover informações, provocações e elucidações sobre questões de gênero, raça e classe. Estas que podem ser compreendidas como categorias imprescindíveis para a compreensão das estruturas e entraves coloniais, escravistas e capitalistas que ainda persistem na realidade vivida por grande parte das mulheres. Através do rap o grupo cria instrumentos criativos para o trabalho de conscientização das meninas e mulheres

goianas, vítimas do descaso estatal e do risco sempre iminente das operações e criminosas das máfias. De acordo com o grupo, a intenção desta arte engajada é ultrapassar os limites da denúncia para contribuir com o empoderamento feminino e sua consequente atitude consciente.

Desdobramentos

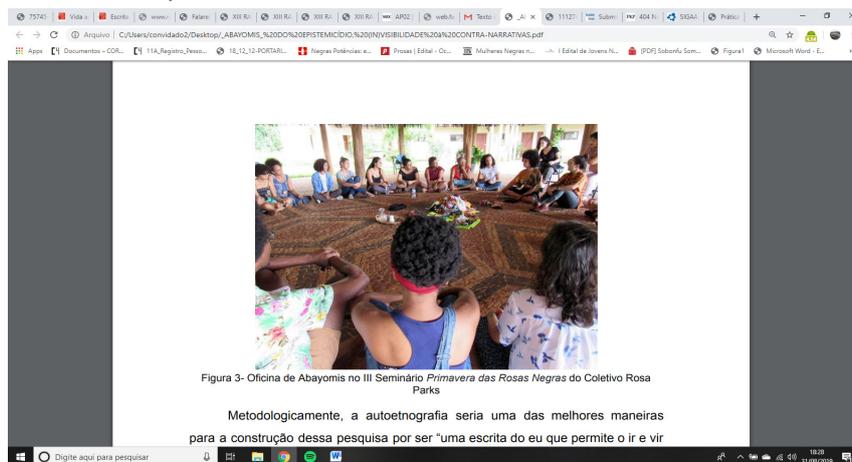
As minhas experiências, durante a graduação, até aqui relatadas que envolvem as questões raciais e de gênero, são caminhos que me provocam a pensar meus passos hoje, na pós-graduação e nas oficinas de bonecas Abayomis. Aos poucos tenho entendido as bonecas Abayomis como uma ferramenta de fala, para pensar o incômodo que me acompanhou durante toda a graduação, que é a invisibilidade quando se trata das mulheres negras nos espaços museológicos. Muito cedo eu percebi que quando se utiliza o conceito mulher na universidade e museus, faz-se referência a um padrão hegemônico de mulher: branca, cisgênero e heterossexual. Assim sendo, durante o curso de Museologia na UFG, procurei cursar disciplinas que me aproximassem dos debates em torno da interseccionalidade tendo como referências intelectuais negras. Busquei participação em projetos de extensão e pesquisa que me aproximaram de pesquisas e ações relacionadas ao pertencimento étnico-racial, como o Coletivo Rosa Parks, da UFG, um grupo de estudos e pesquisa sobre raça e etnia, gênero e sexualidade e suas interseccionalidades.

Durante aqueles esses últimos anos, duas disciplinas foram importantes para a definição do meu interesse pelas questões de gênero e raça, a primeira foi ofertada pela Faculdade de Ciências Sociais no segundo semestre de 2016, se chamou *Feminismos Contemporâneos* e tratou do contexto do feminismo hegemônico. O que me chamou a atenção, justamente por haver pouquíssimas menções a mulheres negras nas referências bibliográficas, com exceção da autora Bell Hooks e Sueli Carneiro que foram trabalhadas nos últimos dias de aula e com a ausência significativa da turma. A segunda disciplina aconteceu durante o primeiro semestre deste ano de 2019, e diferente da primeira disciplina mencionada, esta que foi ofertada pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social - PPGAS e se chamou *Epistemologias e Feminismos Negros* foi ministrada por uma professora negra.

Esta disciplina foi um marco em minha trajetória acadêmica e na universidade, pois tivemos uma ampla participação de estudantes negros e negras e autoras negras compuseram toda a referência bibliográfica obrigatória, sendo que as autoras brancas e autores negros estiveram na bibliografia complementar. Foi proporcionado um aprofundamento reflexivo e analítico do pensamento feminista negro brasileiro e também foi possibilitado analisar academicamente a trajetória de intelectuais negras a partir de importantes chaves conceituais. Fomos inspiradas em nossas dissertações e teses por um sofisticado arcabouço teórico feminista negro que foi organizado e estudado. Esteve presente um profundo esforço intelectual, além do compartilhamento vivências em sala de aula, o que se elevou como uma experiência de resistência epistêmica frente às epistemologias hegemônicas.

Primavera para as Rosas Negras

Durante uma oficina que realizei no *III Seminário Coletivo Rosa Parks - Primavera das Rosas Negras*, na UFG, no dia 30 de novembro de 2018, percebi que era impossível não levar em consideração as minhas experiências para entender processos de representação de corpos negros nos museus. Os relatos das participantes das oficinas tencionavam questões que afetavam o meu ser e o modo como a boneca Abayomi se refletia nas vivências de cada uma. Naquela oficina, ainda que percebêssemos nossas particularidades relativas aos nossos pertencimentos, éramos todas mulheres negras e o racismo, aliado ao machismo, nos coloca em um lugar comum, de experiências racistas que são vivenciadas cotidianamente.

Figura 3- Oficina de Abayomis no III Seminário Coletivo Rosa Parks - Primavera das Rosas Negras

Fonte: Acervo pessoal. 2018.

Pensando desde uma perspectiva metodológica, a autoetnografia seria uma das melhores maneiras para a construção dessa pesquisa por ser uma escrita de uma experiência vivida de uma forma mais engajada (PEIRANO, 2014). Ou seja, iniciar uma escrita sobre a experiência de mulheres negras nas oficinas de bonecas Abayomis é uma forma criativa de viabilizar alguns aspectos das trajetórias de vida e dos lugares de fala dessas mulheres negras. Pontos que se interseccionam com minha própria existência como pesquisadora negra frente às epistemologias colonizadoras.

A partir de experiências vivenciadas nas oficinas, alguns questionamentos sobre o meu posicionamento como pesquisadora na Antropologia foram levantados. Como falar de trajetórias de mulheres negras, sem que eu me coloque no texto? Como falar do outro, sendo que este outro, sou eu mesma, já faz parte da minha própria existência e identidade?

A partir da oficina ministrada para o Coletivo Rosa Parks, percebi que era necessário falar de e por mim para conseguir assim falar do outro e com o outro. Nesse processo de compreensão de um lugar de enunciação enquanto oficineira e pesquisadora é necessária uma compreensão do meu eu, do meu ser pesquisadora, para finalmente conseguir descrever sobre a experiência com as oficinas de bonecas Abayomis com mulheres negras. As oficinas se tornavam uma forma de me situar em um lugar de quem enuncia, tencionando alguns lugares que eu mesma não conseguia explorar, enfim, ativavam um processo de autoconhecimento.

As bonecas Abayomis entram em cena a partir deste momento, em que me questiono de fato sobre uma maneira de me situar no processo. Sobre a questão da identidade nas oficinas, sendo a identidade uma afirmação política dentro de uma construção social que possibilitam um posicionamento político.

Observo também que essas oficinas são elaboradas quase exclusivamente em datas comemorativas, como o dia 20 de novembro - Dia da Consciência Negra. A partir desta observação me propus a trabalhar a temática das relações étnico-raciais nos espaços formais e informais, fora de datas comemorativas sobre o negro. As oficinas realizadas em museus tinham como finalidade propor ao público uma imersão em conteúdos relacionados a História e Cultura Afrobrasileira e Africana, através de ações educativas que tivessem como tema a história das bonecas Abayomis. Baseando assim na Lei nº 10639/03, que é obrigatória nas escolas, das oficinas de bonecas Abayomis elevaram-se como uma ferramenta lúdica, estratégica e construtiva para uma educação antirracista.

As reflexões potencializadas vão desde a história do continente Africano até a realidade das relações étnico-raciais brasileiras na atualidade, com enfoque na história e trajetória das mulheres negras. A busca é por criar outras formas de contar a história da população negra, visibilizando outras trajetórias de mulheres negras como a de Carolina Maria de Jesus (2014) ou de Conceição Evaristo (2006), dentre tantas outras, ambas as escritoras negras que enfrentaram e ainda enfrentam o racismo estrutural que faz suas trajetórias de luta sejam invisibilizadas. É necessários desconstruir histórias atreladas ao processo de escravização ou a papéis subalternos desempenhados por pessoas negras.

Além dessa discussão sobre trajetórias de luta, as oficinas propõem uma reflexão sobre a construção da identidade negra não atrelada às violências cotidianas que moldam essa identidade. É trabalhada a estética negra positivada, mais especificamente no momento em que estamos construindo a boneca negra, seu corpo, ou seu cabelo. Para a maioria das pessoas negras é um ato político assumir seus cabelos crespos em uma sociedade que institui padrões de beleza muito distantes do que seja o cabelo crespo.

Em uma cultura de dominação a população negra teve que lutar diariamente para permanecer em contato com suas próprias histórias e corpos. Especialmente as mulheres negras que já têm seus corpos desmerecidos, menosprezados e violentados. Segundo as taxas do Mapa da Violência (2015), são as mulheres negras que mais sofrem com a opressão e discriminação históricas, enquanto as taxas de homicídio de mulheres brancas caíram 11,9%: de 3,6 por 100 mil brancas, em 2003, para 3,2 em 2013, as taxas das mulheres negras cresceram 19,5%, passando, nesse mesmo período, de 4,5 para 5,4 por 100 mil, ou seja, são as mulheres negras brasileiras as maiores vítimas da violência.

Acredito que o ato de criar um corpo, o da Abayomi, contém uma dimensão de reconstrução afetiva desses corpos negros traumatizados. Este processo, durante a oficina, se dá de forma lúdica, provocando uma libertação e uma resignificação desses corpos negros. Um momento de construção coletiva² de um símbolo de resistência carregado de significados e aprendemos mutuamente sobre a história não apenas do continente africano e muito além das violências que são atribuídas a esses corpos, como conhecemos histórias positivas como as de mulheres negras que influenciaram de maneira contundente a cultura e história do país, com seus símbolos de resistência que vão também muito além da estética.

Mulheres negras como Carolina Maria de Jesus, uma escritora negra, autora de *Quarto de despejo*, morou na favela do Canindé em São Paulo, com seus filhos. Os momentos vagos eram para Carolina Maria de Jesus momentos de criação, apesar da escassez de ideias que são sufocadas pela fome (FELINTO, 2014). Carolina Maria de Jesus (2014, p. 147) conseguiu escrever sobre sua própria resistência de mulher negra, “A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro”. O ato de criar, não foi escolha, mas destino e necessidade para Carolina Maria de Jesus, que em seus escritos fala da sua própria forma de resistir ao sofrimento, à favela e à fome.

Bell Hooks em seu artigo *Intelectuais Negras* fala sobretudo a respeito daquilo que desvaloriza as mulheres negras, como a oposição entre trabalho intelectual e trabalho doméstico, este relegado às mulheres negras.

Na adolescência passei por um processo de conversão que me impeliu para a vida intelectual. Constantemente perseguida e castigada na família as tentativas de entender meu destino me empurraram para o pensamento analítico crítico. Manter-me a distância de minha experiência de infância vê-la com um distanciamento desligamento foi para mim uma estratégia de sobrevivência. (HOOKS, 2010. p. 466).

Ao falar que a mulher é sempre colocada secundarizadas, nunca como protagonistas, sempre silenciadas e invisibilizadas, “essa invisibilidade e ao mesmo tempo em função do racismo do sexismo e da exploração de classe institucionalizados e um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação” (HOOKS, 2010, p. 467), exemplifica a forma como o sexismo atua construindo mitos que afastam as mulheres negras do reino do intelecto e conseqüentemente da academia.

As negras que foram socializadas para desvalorizar ou se sentir culpadas em relação ao tempo passado longe dos outros às vezes não conseguem reivindicar ou criar espaço para a escrita solitária. Isso se aplica especialmente as negras que são mães. As mães solteiras muitas vezes têm de lutar com obstáculos

² Sendo o nós, na perspectiva de coletividade, os nós que cada participante dá para confeccionar a boneca.

materiais que não lhes permitem concentrar-se intensamente para pensar e escrever mesmo que o desejem. (HOOKS, 2010, p. 471).

Entretanto, o/a intelectual não é apenas alguém que lida com ideias, mas “Intelectual alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo” (HOOKS, 2010, p. 468). Pensar em como relacionar as bonecas Abayomis às mulheres negras intelectuais pesquisadoras e artistas, nos processos das oficinas, me possibilitou pensar sobre a desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições e em como precisamos avançar nas conexões com conceitos que contribuirão para o fortalecimento de processos de ativismo pela questão racial na luta incansável pelos direitos humanos.

A partir da contribuição da historiadora negra Maria Beatriz do Nascimento, é possível pensar o corpo e a recuperação de imagem, tendo em vista que na academia o seu pensamento vê-se submetido a políticas de referências e memórias racializadas em meio a autores homens brancos (RATTS, 2006). A intelectual negra tem um trabalho bastante direcionado para a questão racial. Importantes aspectos de seu pensamento podem ser encontrados em *ORI*, um filme no qual Beatriz Nascimento destaca a importância da representação, da visibilidade e a necessidade de luta pelo resgate da imagem da pessoa negra, buscando a elevação da autoestima desse segmento que compõe maior parte da população brasileira. Ainda hoje essas representações são vistas através de uma lógica de subalternização e de estereótipos que reforçam que mulheres negras servem apenas para serviços braçais e para a erotização.

O corpo das mulheres negras carrega fraturas expostas há tempos como já disse Lélia Gonzalez (2018) parafraseando Simone de Beauvoir: “Não se nasce negra, torna-se.” O processo de tornar-se mulher diante de uma imposição de gênero que diz como se deve comportar por si é complexo, tão profundo é tornar-se negra. Opera ainda hoje no Brasil o mito da democracia racial que enfeita alegoricamente um país tão extenso e miscigenado. As discriminações ocorrem pelo gênero, pelo *status* social e pela raça. Lélia Gonzalez (2018) e Sueli Carneiro (2005) estudam a desigualdade que atinge a mulher negra, onde o racismo e o machismo prevalecem.

Beatriz Nascimento ao apontar também essa posição, reitera que a mulher negra luta diariamente desde o período escravocrata, sendo mão de obra não qualificada, reproduzindo um destino histórico atrelado estigma do trabalho, assim,

Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha, em sua maioria os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da escravocracia. (NASCIMENTO, 2007, p. 128).

As autoras apontam para um não lugar, relacionado à baixa escolaridade, à discriminação pela cor e pelo gênero, lugares esses, em que temos mulheres negras ocupando construídos historicamente por um processo de colonização que destinam esses papéis sociais atribuídos às mesmas. O processo de invisibilização e estereotipação das mulheres negras recai sobre as opressões de gênero, raça e classe. A partir das oficinas de bonecas Abayomis seria minimizado o trauma provocado pela ferida colonial, o que indica uma ampliação de possibilidades de cura, pelo lúdico, pela educação e pelo afeto.

A imagem do corpo escravizado, ou de uma narrativa atrelada à dor da escravidão, potencializa as violências sofridas. As mulheres negras são a maioria das vítimas em todas as modalidades da violência contra as mulheres (feminicídios, violência doméstica e estupros) e são também a maioria das mulheres mortas. Sendo assim, não busco as narrativas do surgimento da boneca em meio à escravização dos corpos negros como verdade única. É dado enfoque em uma narrativa que diz que a boneca é mais contemporânea e resulta de lutas anti-racistas e antimachistas.

Algumas considerações

Hoje desenvolvo oficinas para crianças em escolas, para estudantes de graduação e pós-graduação, comunidades quilombolas e indígenas. Realizo as oficinas vivenciando um processo de troca, de experiências vivenciadas durante as oficinas. O objetivo é realizar reflexões coletivas que acionem memórias coletivas de corpos negros destacando lutas, belezas e afetos. Pesquisar sobre o saber-fazer as bonecas Abayomis por meio das mulheres negras pode auxiliar na compreensão de temas importantes da cultura afro-brasileira e negras, articulando questões de gênero, classe e raça.

Grada Kilomba (2010) faz uma reflexão sobre os lugares contemporâneos da fala de indivíduos que historicamente encontram-se numa condição subalternizada. Para isso, a autora levanta as seguintes questões sobre esse lugar de enunciação, “Quem pode falar? Quem não pode? E, acima de tudo, sobre o que podemos falar? O que acontece quando falamos?” (KILOMBA, 2010). Neste sentido, podemos pensar nas oficinas como espaços de fala e escuta que estruturam narrativas não oficiais sobre o surgimento da boneca. São fomentadas estratégias que afirmam a cultura e a arte como fonte de um reparo necessário e justo a parcela da população negra historicamente invisibilizada e explorada. As Abayomis têm possibilitado às mulheres negras falar por si, fora da máscara do silenciamento.

O silêncio é uma arma potente para eliminar vidas e é frequentemente usada contra pessoas negras, interrompendo e silenciando. Nos contextos de oficinas de Abayomis as narrativas nascem de vozes historicamente silenciadas que acionam memórias coletivas e que proporcionam auto-conhecimento. Enfim, o que se busca através das bonecas Abayomis é a libertação, o fortalecimento e o reconhecimento da identidade afro-brasileira e negra, instigando participantes a repensar sobre as narrativas que nos constitui enquanto povo.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas, v.8, n.1, p. 229-236. Florianópolis, 2000.

BOITA, Tony. **Mulheres do Vale Araguaia. Mestres e Conselheiros**, Belo Horizonte, 2013.

BOITA, Tony Willian. **Memória LGBT: Mapeamento e Musealização em Revista**. [Monografia], Universidade Federal de Goiás, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro Como Não-Ser Como Fundamento do Ser**. Tese de doutorado. 340 f. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **“Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”**. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/sueli-carneiro/17473-sueli-carneiro-enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso: 27/07/2019.

CARNEIRO, Sueli. **“Mulheres em movimento”**. Estudos Avançados, v. 17, n.49, set.-dez. 2003, pp. 117-132. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-401420030003000008&script=sci_arttext Acesso: 27/07/2019.

CARNEIRO, Sueli. **A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista** In: MUNANGA, Kabengele (Org.) História do negro no Brasil . Vol. 1. O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição. Fundação Cultural Palmares/MinC, pp. 286-336, Brasília, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**. Belo Horizonte: Fino traço, 2014.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político econômica**. In: Luz, Madel (Org.). Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal editora, 1981.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. UCPA (org). São Paulo. UCPA, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **“Racismo e sexismo na cultura brasileira”**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, pp. 223-244. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/247561/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 27/07/2019.

HOOKS, Bell. **“Intelectuais Negras”**. Estudos Feministas / Dossiê Mulheres Negras, Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035> Acesso: 27/07/2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **“The Mask”** In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. 2. Ed, Münster: Unrast Verlag, 2010.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

RATTS, Alecsandro J. P. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006, pp. 17-23; 24-34. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>. Acesso: 27/07/2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade no negro brasileiro em ascensão social** / Neusa Santos Souza. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em 15 de outubro de 2019.

Aceito em 1º de novembro de 2019.